



UMA MENTE BRILHANTE

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.
Ricardo Reis*

Ouvi ontem na comunicação social que John Nash morreu.

Pouco sei sobre este homem para além daquilo que tive oportunidade de ver na Internet e no filme “Uma Mente Brilhante”, que tenta retratar a sua vida. Não sei se o filme retrata de forma fidedigna a vida deste sábio matemático, homem, marido e pai, mas para mim torna-se óbvio que o prémio Nobel que lhe foi atribuído, derivado dos seus contributos para a teoria dos jogos, geometria diferencial e equações diferenciais parciais e de soluções matemáticas associadas, não terá sido o Nobel mais importante da sua vida.

Se aquilo que o filme transmite corresponde à realidade, o verdadeiro Nobel da vida dele foi na equação que ele encontrou para resolver algo profundamente importante – o teorema do amor e a “supressão” da esquizofrenia através dele.

A dimensão humana hoje é profundamente tecnicista, onde o lado utilitário, e hedonista da vida se sobrepõem aos valores verdadeiramente profundos. Na realidade, John ao ter lutado na sua vida, para estar na realidade, para combater algo que o biologismo diria que era inevitável, ele transcende a biologia e mostra que o Ser Humano tem em si a centelha do divino, a capacidade de se transcender, a capacidade de não ficar limitado aos condicionalismos que uma qualquer anomalia genética, ou não, impõe ao Ser.

A matemática mais profunda de John Nash é a matemática dos afectos. A matemática da luta constante contra a condição da sua loucura, dos seus delírios, das suas insuficiências. A matemática da honestidade de aceitar que ele é aquilo mas não se resume aquilo e não imporá aos outros o que é, porque não o é. É a matemática do somar um mais um e encontrar três, na sua relação com a sua mulher e seu filho.

John Nash morre mas o ideal de um homem que pega em si e não se condiciona aquilo que são as suas insuficiências não morre, demonstra que em si há sempre a possibilidade de mudar, e aquilo que tem dentro de si, o livre arbítrio, demonstra que não se resume às deficiências e fraquezas, e que não são as imperfeições que o condiciona, muito pelo contrário, tornam-no brilhante, e aí a mente de John Nash foi uma mente brilhante. Brilha não pela quantidade e profundidade dos seus conhecimentos mas pela beleza da sua atitude de vida. São exemplos como estes, que ontem, hoje e no futuro, mais que nunca são necessários, numa sociedade utilitária, consumista, miserável de valores, autoritária na forma como se impõe na pretensa liberdade, ou democracia, que delas só têm o nome.

John Nash morre mas nós não, ainda ficamos, e compete-nos sermos outros John Nash brilhando nesta escuridão, que cada dia mais nos envolve mesmo sob as luzes de néon que os novos “deuses” tanto apreciam.

(Escrito em português)

Lisboa, 25 de Maio de 2015